

## EQUIDADE

# INCLUSÃO AUMENTA, MAS ACESSO AO ENSINO MÉDIO AINDA É DESAFIO



1

>> Proporção de estudantes com deficiência cai do ensino fundamental para o médio

2

>> Interação dos professores de atendimento especializado com os demais é fundamental

3

>> Gestor é a figura-chave da escola para que esse processo seja desencadeado

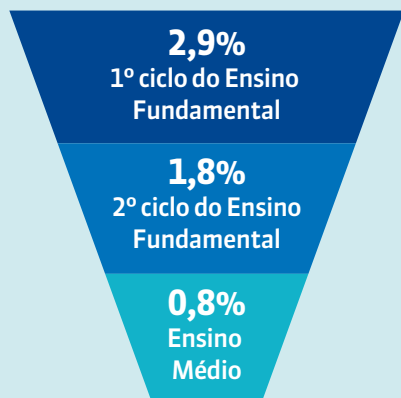
**E**m uma década, o número de alunos com alguma deficiência cursando o ensino médio triplicou. Mesmo assim, eles representam apenas 0,8% do total de matrículas neste nível de ensino, de acordo com o Censo Escolar do MEC de 2015. Em números absolutos, são apenas 62 mil, num universo de cerca de 8 milhões de alunos. O crescimento do número de estudantes com alguma deficiência é verificado em todas as etapas da educação básica, mas o movimento de inclusão vai perdendo força até chegar ao ensino médio. No primeiro ciclo do ensino fundamental, os alunos com deficiência correspondem a 2,9% do total de matrículas, proporção que diminui para 1,8% na segunda etapa deste nível de ensino, atingindo apenas 0,8% no ensino médio. Os dados sinalizam que, apesar dos avanços ao longo dos anos, muitos estudantes vão ficando pelo caminho e abandonam as escolas.

Ainda que os desafios de acesso e progressão continuem significativos, a análise dos dados de todos os cerca de 900 mil alunos com alguma deficiência

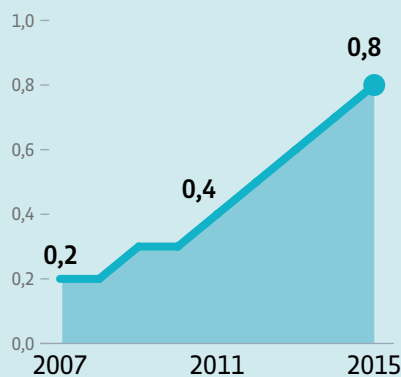
## O FUNIL DA INCLUSÃO

Percentual diminui do Ensino Fundamental para o Médio

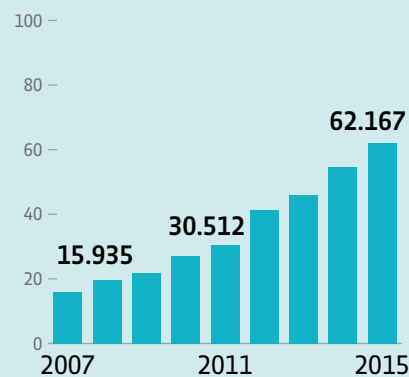
Alunos com alguma deficiência em relação ao total de alunos



Percentual de alunos com algum tipo de deficiência no Ensino Médio



Total de alunos com algum tipo de deficiência no Ensino Médio



Obs.: Os dados são referentes a todos os alunos da educação especial em 2015, com exceção dos estudantes com altas habilidades. Fonte: Censo Escolar MEC

matriculados em todos os níveis da educação básica revela que houve avanço expressivo na proporção desses estudantes matriculados em classes comuns. Em 1998, apenas 13% conviviam com as demais crianças nas mesmas salas de aula. Em 2014, este percentual já era de 79%, sendo 98% no ensino médio, em que pese ainda serem poucos os jovens com deficiência que chegam até este nível de ensino.

Este crescimento foi resultado de diversas políticas públicas adotadas nesse período que sinalizaram para o direito dessas crianças, jovens e adolescentes à escola comum. No ano de 2008, por exemplo, foi aprovada a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. A Política segue as diretrizes legais estabelecidas em níveis internacional e nacional, preconizadas, entre outras referências, pela Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência da Organização das Nações Unidas (ONU), de 2006.

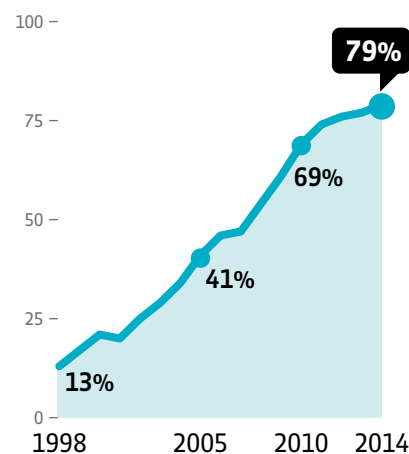
## ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO

De acordo com a Política, cabe à educação especial atuar, por meio dos professores responsáveis pelo Atendimento Educacional Especializado (AEE) e de serviços e recursos ofertados nas Salas de Recursos Multifuncionais (SRM), em favor da eliminação e minimização dos efeitos excludentes das barreiras de qualquer natureza (físicas, arquitetônicas, comunicacionais, sociais e atitudinais) que dificultem ou impeçam a convivência e a aprendizagem dos estudantes com deficiência em turmas comuns.

Apesar do arcabouço legal e das políticas educacionais orientarem para a inclusão dos estudantes com deficiência nas turmas comuns, tal processo esbarra num conjunto de problemas que afetam a educação básica brasileira como um todo, com forte repercussão no ensino médio. Entre elas, a principal é o baixo nível de aprendizagem ao longo do ensino fundamental, cujas consequências, muitas vezes, são a reprovação e o abandono da escola. Tal movimento não se restringe aos estudantes com deficiência, transtornos globais ou com altas habilidades, mas as barreiras tendem a ser maiores para esta população.

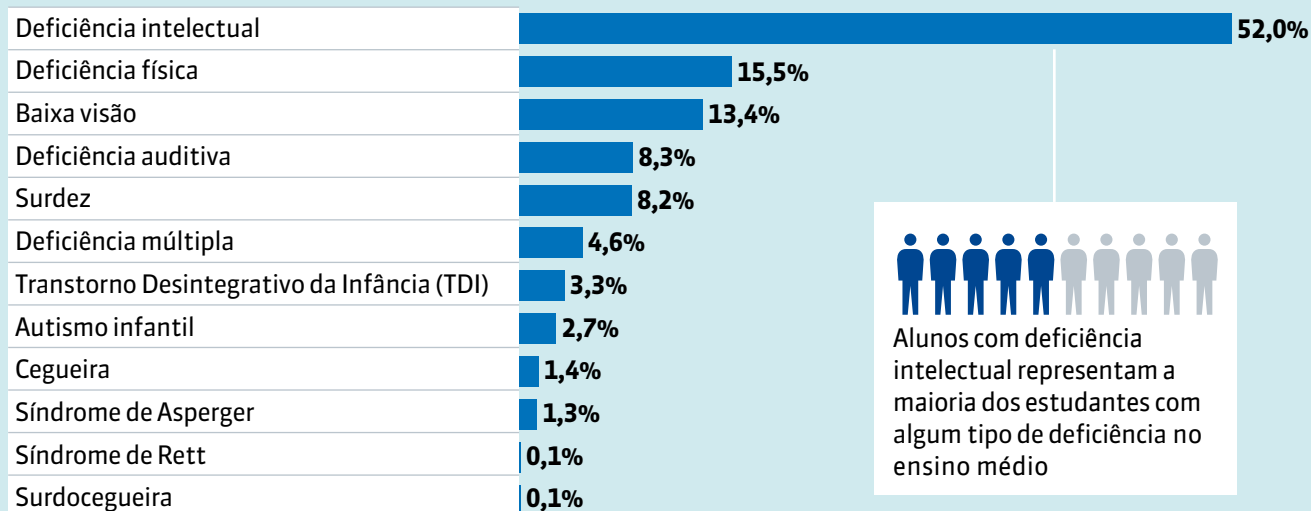


## ALUNOS COM ALGUMA DEFICIÊNCIA EM CLASSES REGULARES



Fonte: Censo Escolar MEC

## TIPOS DE DEFICIÊNCIA IDENTIFICADAS NO ENSINO MÉDIO



Obs.: A soma é superior a 100% pois um aluno pode ter sido diagnosticado com mais de uma deficiência. Fonte: Censo Escolar MEC

## CURRÍCULO EXTENSO É ENTRAVE

Além das barreiras econômicas (que afetam de maneira mais intensa a população com alguma deficiência), há também aquelas existentes no próprio ambiente escolar. Do modelo de ensino predominante à organização curricular fragmentada em disciplinas estanques, passando por práticas pedagógicas massificadoras, orientadas pela ideia de que todos os alunos aprendem ao mesmo tempo e da mesma forma, todos esses fatores contribuem para que o desafio da democratização do acesso ao sistema escolar seja mais acentuado para os adolescentes e jovens com deficiência.

Um dos desafios é a superação de uma escola que funcione com um currículo composto por um elenco extenso de disciplinas e focada em preparar seus estudantes para o vestibular. Nesse sentido, Eliane de Souza Ramos, pesquisadora do Laboratório de Estudo e Pesquisa em Ensino e Diferença da Unicamp, defende que é importante que a escola ancore-se na realidade local através de um Projeto Político Pedagógico (PPP) que represente, organize e sistematize os propósitos educacionais em ações alinhadas com as demandas e necessidades de todo o grupo – equipe gestora, professores comuns e de educação especial, tradutores e intérpretes de Língua Brasileira de Sinais, guias, intérpretes, cuidadores, funcionários, alunos e familiares.

O professor de AEE pode desempenhar um papel essencial no sentido de eliminar barreiras, a fim de favorecer o desenvolvimento, a aprendizagem, bem como a convivência e o compartilhamento de interesses entre os estudantes – independentemente de terem deficiência ou não. Para tanto, ele deve trabalhar em parceria com professores da sala comum, apoiando-os no sentido de propor estratégias, recursos e tecnologias que eliminem ou minimizem as barreiras existentes na escola e que impedem a convivência, o desenvolvimento e a aprendizagem entre todos os alunos.



**Veja o documentário sobre a escola Coronel Pilar, de Santa Maria (RS), que recebe alunos com deficiência desde a década de 1990**

[youtu.be/NsSlczaRC\\_4](https://youtu.be/NsSlczaRC_4)



Rodrigo Mendes, diretor-executivo do Instituto Rodrigo Mendes, destaca que promover a interação do professor de AEE com os docentes da sala comum é um desafio que se apresenta no ensino médio, em função da tendência de fragmentação do currículo e, conseqüentemente, do grande número de professores.

A superação desse desafio depende, no nível das políticas educacionais, de uma reformulação do ensino médio, mas também se efetiva no nível da escola na medida em que as equipes se organizem e trabalhem buscando essa interação. Foi o que aconteceu na Escola Estadual de 1º e 2º graus Coronel Pilar, em Santa Maria (RS). A instituição recebe alunos com deficiência desde a década de 1990, matriculados inclusive no ensino médio. Ao longo do tempo, a escola desenvolveu um trabalho que possibilita o avanço desses estudantes, no qual a interação dos professores da sala de aula e de AEE é um dos eixos. A experiência da instituição revela um percurso que se constrói no cotidiano, na medida em que as demandas surgem, seja por parte do professor, seja por parte do aluno.

Nesse processo, é fundamental considerar as diferenças e especificidades dos alunos atendidos no AEE, buscando-se alternativas e soluções adequadas para cada caso. Afinal, as necessidades e possibilidades de dois adolescentes com síndrome de Down são distintas, assim como entre estudantes com baixa visão ou com deficiência física.

## TRABALHO COLETIVO

Não se trata, portanto, apenas de acolher o estudante com deficiência que chega à escola; é necessário um trabalho coletivo, que envolva toda a equipe escolar e não somente que terão contato direto com o aluno. Um trabalho que envolva a elaboração de um plano individualizado para o estudante, o desenvolvimento de estratégias e recursos adequados, bem como o compartilhamento de conhecimentos e experiências entre professores, coordenadores, técnicos. Por isso, a inclusão escolar colabora para desencadear um movimento no qual o aluno – qualquer aluno, não necessariamente o aluno com deficiência - é colocado no centro do processo de aprendizagem, no sentido de que suas necessidades, demandas e interesses passam a ser ponto de partida para se mobilizar recursos e meios visando à promoção de seu desenvolvimento.

O gestor é a figura-chave da escola para que esse processo seja desencadeado, considerando sua condição de liderança capaz de garantir que a inclusão permeie as diretrizes e práticas educacionais da instituição. Ao mesmo tempo, cabe a ele desempenhar um papel fundamental: fomentar entre os integrantes da equipe escolar e, também, na comunidade de pais a visão de que a garantia de equidade e o respeito às diferenças são valores dos quais não se pode abrir mão no ambiente escolar.

## PARA SABER MAIS

- **Educação especial e inclusão: por uma perspectiva universal** (2013), Martinha Clarete Dutra dos Santos: [goo.gl/6G6JMy](https://goo.gl/6G6JMy)
- **Ensino médio inclusivo: o começo da caminhada** (2014), Augusto Galery: [goo.gl/xnGP0m](https://goo.gl/xnGP0m)
- **Diferenciar para incluir: a educação especial na perspectiva da educação inclusiva** (2011), Maria Teresa Eglér Mantoan: [goo.gl/ZeUynS](https://goo.gl/ZeUynS)
- **Histórico da legislação sobre inclusão** (2014). Todos pela Educação: [goo.gl/5i444M](https://goo.gl/5i444M)
- **Marcos políticos legais da educação especial na perspectiva da educação inclusiva** (2010), MEC: [goo.gl/FCfDWz](https://goo.gl/FCfDWz)
- **O caso da Escola de Graduação em Educação de Harvard** (2015), E. B. O'Donnell: [goo.gl/Rvbm05](https://goo.gl/Rvbm05)
- **Outro Olhar** (2014), documentário de iniciativa do Instituto Rodrigo Mendes, com apoio do Instituto Unibanco, Instituto Alana e Itaú BBA, e produção de Maria Farinha Filmes: [youtu.be/NsSlczRC\\_4](https://youtu.be/NsSlczRC_4)

**Aprendizagem em Foco** é uma publicação quinzenal produzida pelo Instituto Unibanco. Tem como objetivo adensar as discussões sobre o contexto educacional brasileiro, a partir de pesquisas, estudos e experiências nacionais e internacionais.

Clique [aqui](#) e receba o boletim Aprendizagem em Foco. Para fazer algum comentário, envie um e-mail para: [instituto.unibanco@institutounibanco.org.br](mailto:instituto.unibanco@institutounibanco.org.br)

Para ler as edições anteriores, acesse: [bit.ly/AprendizagemFoco](https://bit.ly/AprendizagemFoco)

